

Um panorama desigual de uma Europa em mudança: conclusões do inquérito eletrónico «Viver e trabalhar na UE 2025»

Introdução

Os resultados da oitava ronda do inquérito eletrónico «Viver e Trabalhar na UE» da Eurofound, realizada em 2025, sugerem uma pressão económica persistente e níveis desiguais de resiliência entre os Estados-Membros. Apesar da inflação mais baixa (2,1 % em outubro de 2025) e, até agora, da estabilidade dos mercados de trabalho, os inquiridos continuam a enfrentar uma pressão financeira significativa, com o aumento das disparidades entre os grupos de rendimentos, a crescente insegurança entre os arrendatários e as pessoas de meia-idade e a continuação da insegurança habitacional, especialmente entre famílias de baixos rendimentos e monoparentais. Estas vulnerabilidades económicas refletem-se no declínio do otimismo dos inquiridos em relação ao futuro e nos níveis de bem-estar mental, que permanecem muito abaixo dos registados no início da pandemia. Entre os trabalhadores, o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal continua a ser uma questão importante, especialmente para aqueles cujas preferências pelo teletrabalho não correspondem às suas condições reais.

Paralelamente, a confiança nas instituições é frágil e altamente desigual, com os grupos de baixos rendimentos a registarem os níveis mais baixos de confiança e satisfação democrática. Entretanto, a nova secção do inquérito sobre questões ambientais destaca que a maioria dos europeus já passou por eventos adversos relacionados com o clima e que a preocupação com os impactos ambientais aumenta acentuadamente com a exposição, especialmente entre os adultos mais jovens e mais velhos.

Em geral, os resultados do inquérito eletrónico «Viver e Trabalhar na UE em 2025» fornecem novas evidências de como os europeus têm lidado com estas pressões, como se adaptaram às mudanças nas práticas no local de trabalho nos últimos cinco anos e como estas experiências diferem entre grupos de rendimentos, géneros e faixas etárias.

Principais conclusões

Crescente insegurança financeira e habitacional

- A pressão económica aumentou em todas as faixas etárias nos últimos cinco anos, com os níveis mais elevados encontrados entre os inquiridos de meia-idade. A desigualdade de rendimentos está a agravar as dificuldades financeiras: em 2025, 61% dos inquiridos em famílias de baixos rendimentos tiveram dificuldades para pagar as contas, em comparação com 9% daqueles em famílias de alta renda.
- Os atrasos e as expectativas de dificuldades futuras de pagamento estão a aumentar, especialmente entre os inquiridos que vivem em famílias de baixos rendimentos, pais solteiros e famílias multigeracionais, indicando uma crescente insegurança financeira a curto prazo.
- A insegurança habitacional está a aumentar, impulsionada pelas pressões do custo de vida, e está a afetar desproporcionalmente os inquilinos do setor privado de arrendamento.

Otimismo em declínio e níveis persistentemente baixos de bem-estar

- O otimismo em relação ao futuro diminuiu em todas as faixas etárias e não se recuperou desde uma queda significativa em 2022, provavelmente devido à incerteza geopolítica e económica em curso.
- O bem-estar mental continua baixo: as pontuações do WHO-5 diminuíram desde 2020 e mais da metade dos inquiridos (57%) em 2025 está em risco de depressão, indicando um potencial stress persistente a nível social.

Preferência crescente pelo teletrabalho

- Entre os inquiridos que trabalham em empregos que permitem o teletrabalho, menos trabalham exclusivamente a partir de casa, enquanto o trabalho híbrido se tornou o modelo dominante tanto para homens como para mulheres.
- As preferências pelo teletrabalho regular aumentaram, com cerca de metade dos homens e mulheres a desejar trabalhar a partir de casa várias vezes por semana. Os inquiridos que gostariam de teletrabalhar, mas não o podem fazer, relatam os níveis mais elevados de fadiga e conflito

Os níveis de confiança nas instituições refletem a segurança económica

- Os inquiridos com idades entre os 35 e os 49 anos e entre os 50 e os 64 anos mostram a menor confiança nas instituições e indicam os níveis mais elevados de dificuldades financeiras, sugerindo uma potencial ligação entre o stress económico e o enfraquecimento da confiança nas instituições. A confiança nas instituições é consistentemente menor entre os inquiridos com baixos rendimentos.
- Apesar do otimismo em declínio em relação ao seu próprio futuro, os jovens adultos manifestam os níveis mais elevados de confiança tanto nos governos nacionais como na UE, o que indica que a confiança nas instituições públicas continua relativamente forte neste grupo.
- Quando a confiança é baixa a nível nacional, tende a ser baixa em quase todas as instituições, e quando a confiança é elevada, tende a ser consistentemente elevada (exceto nas redes sociais, nas quais a confiança é geralmente baixa).
- Embora o recente debate público sobre a satisfação com a democracia tenha destacado uma divisão de género entre os jovens, esta pesquisa encontrou apenas uma pequena (embora estatisticamente significativa) diferença média entre os géneros (0,1 pontos), cuja direção varia de acordo com o país.

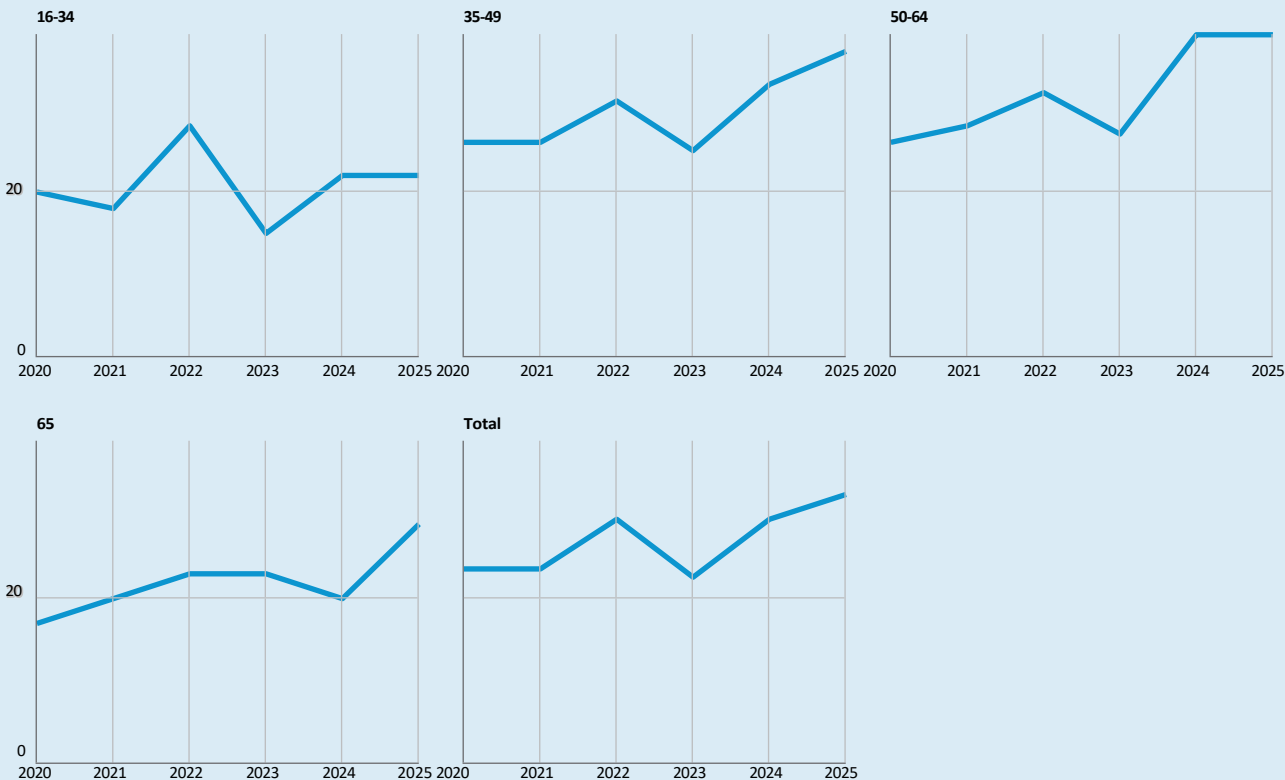
Preocupação ambiental maior entre aqueles afetados pelas alterações climáticas

- A maioria dos inquiridos enfrentou pelo menos um evento adverso relacionado com o clima nos últimos cinco anos (calor, inundações, vento, incêndios, insetos, escassez de água).
- A preocupação com o ambiente aumenta com o número de impactos sofridos. Os inquiridos mais velhos e mais jovens estão ambos preocupados com as questões ambientais, contrariando a ideia de que apenas os jovens se preocupam com as alterações climáticas.

Habitação e custo de vida

Desde 2020, a pressão económica (medida como a proporção de inquiridos que afirmaram ser «difícil» ou «muito difícil» fazer face às despesas do seu agregado familiar) tem flutuado em todas as faixas etárias, embora com diferenças notáveis entre as idades (Figura 1). Os inquiridos com idades compreendidas entre os 50 e os 64 anos têm consistentemente relatado os níveis mais elevados de pressão económica, passando de cerca de 27 % em 2020 para quase 40 % em 2025. O grupo etário dos 35 aos 49 anos apresenta uma tendência comparável, com 37 % a relatar pressão económica em 2025, após um declínio em 2023.

Figura 1: Dificuldade em fazer face às despesas, por faixa etária, UE, 2020-2025 (%)



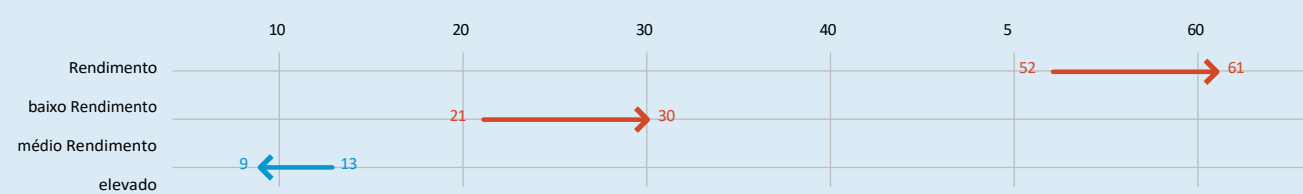
Fonte: Série de inquéritos eletrónicos «Viver e Trabalhar na UE».

Entre os inquiridos mais jovens, as dificuldades económicas atingiram o pico em 2022, com cerca de 28 %, tendo depois diminuído em 2023, antes de se estabilizarem em cerca de 20 % em 2025. Os níveis de dificuldades financeiras foram mais baixos no grupo etário mais velho (65+) na primeira ronda do inquérito eletrónico (2020), mas aumentaram de forma constante ao longo do tempo, passando de cerca de 17 % para quase 29 % em 2025, reduzindo a diferença entre este grupo e os inquiridos mais jovens. Em geral, as pressões económicas parecem ter-se intensificado para os inquiridos de todas as faixas etárias desde 2020, mas especialmente para os de meia-idade.

As famílias com rendimentos mais baixos enfrentam as maiores dificuldades

Desde 2022, quando os dados sobre rendimentos ficaram disponíveis, o inquérito tem medido a diferença na pressão económica entre os grupos de rendimentos – e esta está a aumentar. Enquanto a maioria das famílias com rendimentos mais elevados continua a lidar confortavelmente com a situação, as dificuldades financeiras agravaram-se entre as famílias com rendimentos baixos e médios (Figura 2).

Figura 2: Variação na dificuldade em fazer face às despesas, por nível de rendimento, UE, 2022-2025 (%)



Em 2025, 61% das famílias de baixa renda relatam dificuldades financeiras, um aumento em relação aos 40% em 2023 e o nível mais alto observado desde 2022, refletindo as pressões contínuas do custo de vida. Entre as famílias de renda média, as dificuldades econômicas aumentaram de 21% em 2022 para 30% em 2025, sugerindo que o stress financeiro afeta mais do que apenas os grupos mais vulneráveis. Entretanto, a percentagem de famílias de rendimentos elevados com dificuldades permaneceu baixa e estável, em cerca de 9%, indicando que as famílias de rendimentos mais elevados têm estado, em grande parte, protegidas das recentes pressões de custos.

Aumentam os atrasos nos pagamentos e a insegurança financeira, apesar da queda da inflação

Em 2025, 18% dos inquiridos em toda a UE referem atrasos recentes no pagamento de contas de serviços públicos, enquanto 20% esperam ter dificuldades de pagamento nos próximos três meses. O facto de ambos os valores terem aumentado desde o inquérito anterior (2024) (de 15% e 18%, respetivamente) sugere que as pressões financeiras podem ainda estar a aumentar, apesar da recente descida da inflação. Os relatos de pagamentos em atraso, tanto passados como previstos, são mais elevados nos três tipos de famílias seguintes: famílias com baixos rendimentos, famílias monoparentais e famílias multigeracionais (definidas como famílias em que vivem pelo menos três gerações) (Figura 3).

Poucas poupanças sugerem resiliência financeira limitada

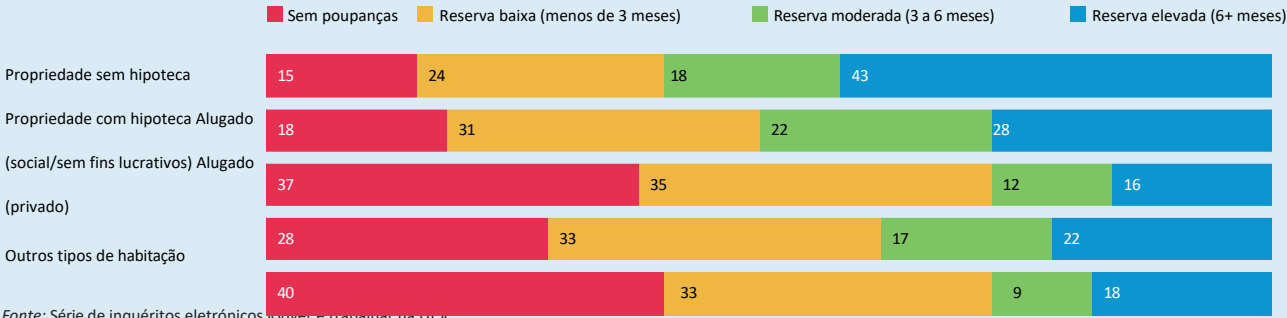
A proporção de inquiridos sem quaisquer poupanças diminuiu nos cinco anos desde o início do inquérito (de 28% em 2020 para 23% em 2025). No entanto, quase um terço das famílias (30%) tem apenas uma reserva baixa, ou seja, poupanças suficientes para cobrir despesas normais por menos de três meses na ausência de um rendimento regular. Isto significa que a maioria das famílias (53%) tem poupanças baixas ou nenhuma poupança.

A situação de propriedade da habitação é um fator importante na disponibilidade dessa reserva (Figura 4). Entre os inquilinos privados, 28% afirmam não ter quaisquer poupanças, em comparação com 18% dos proprietários com hipoteca e 15% dos proprietários sem hipoteca que afirmaram o mesmo. Além disso, dos inquilinos que têm poupanças, a maioria tem apenas uma reserva reduzida, ao contrário dos proprietários. Em todos os grupos de rendimentos, três quartos dos inquiridos em famílias de baixos rendimentos afirmam não ter poupanças ou poder manter o seu nível de vida durante menos de três meses sem rendimentos, o que sublinha a sua limitada resiliência a choques económicos.

Figura 3: Proporção de inquiridos que referiram atrasos passados e previstos no pagamento de contas de serviços públicos, UE, 2025 (%)



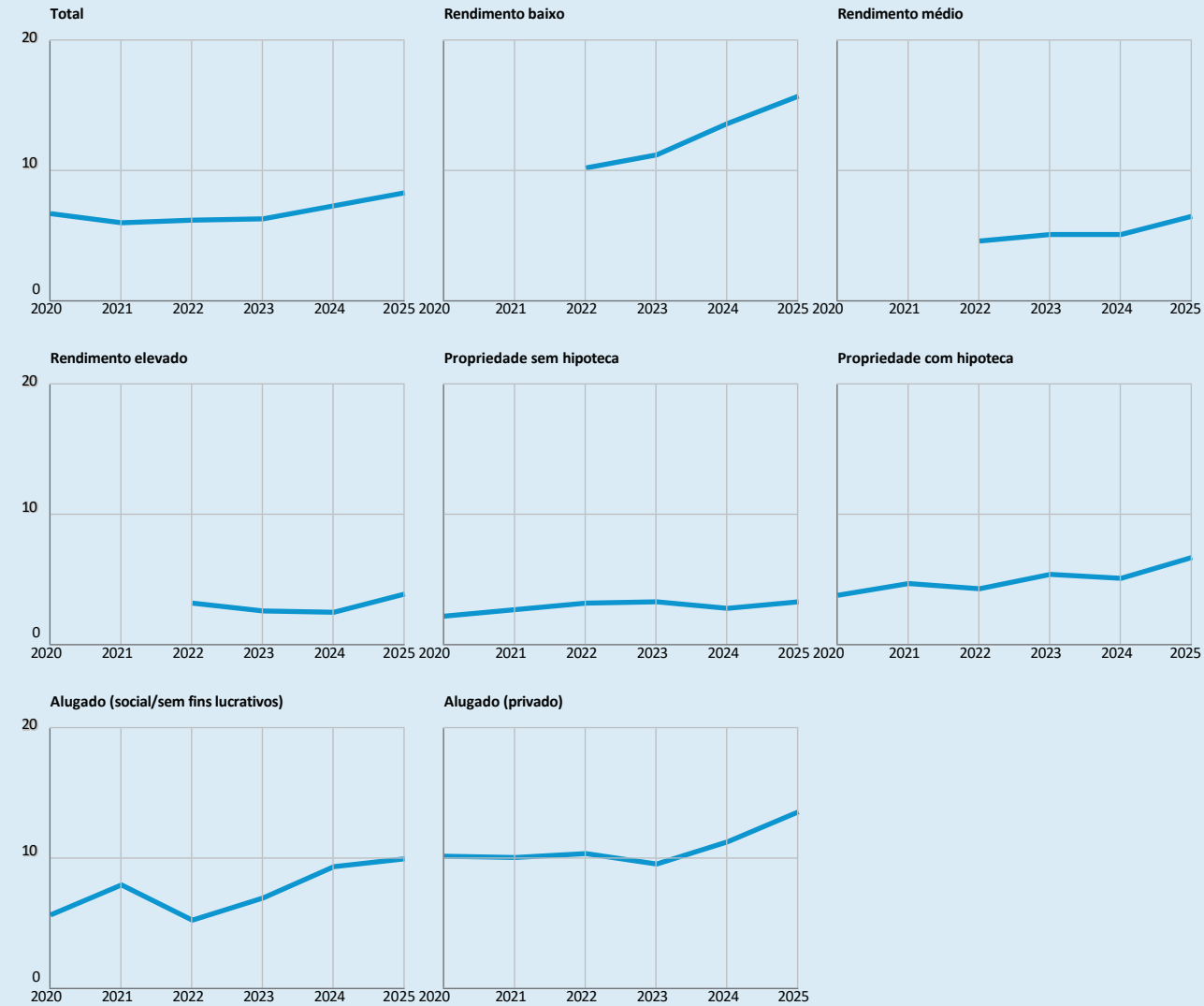
Figura 4: Montante das poupanças, por situação de propriedade da habitação, UE, 2025



Muitos ainda temem ter de abandonar a sua casa

As recentes pressões sobre o custo de vida afetaram de forma desproporcional os inquilinos e as famílias com rendimentos mais baixos. A insegurança habitacional, medida como a proporção de inquiridos que afirmaram ser provável que tenham de abandonar a sua casa nos próximos meses por já não terem meios para a pagar, aumentou em todos os grupos desde 2020, de forma moderada na maioria dos casos. A insegurança é mais prevalente entre as famílias com baixos rendimentos, cuja percentagem aumentou mais de 6 pontos percentuais entre 2022 e 2025 (Figura 5). As famílias de rendimento médio também registaram um aumento gradual, enquanto as famílias de rendimento elevado mantiveram taxas de insegurança consistentemente baixas.

Figura 5: Inquiridos que enfrentam insegurança habitacional, por rendimento e regime de ocupação, UE, 2020-2025 (%)



Por tipo de ocupação habitacional, o aumento da insegurança é mais pronunciado entre os inquilinos privados, 13,2% dos quais em 2025 afirmam que isso é uma preocupação. Há mais flutuação entre aqueles que alugam de provedores sociais ou organizações sem fins lucrativos, mas os níveis de insegurança são igualmente elevados. Em contrapartida, os proprietários com ou sem hipoteca relatam níveis relativamente baixos e estáveis de insegurança.

Na UE-27, a insegurança habitacional é mais elevada entre aqueles que não são proprietários da sua habitação (experimentada por 12,4 % desses inquiridos em todos os Estados-Membros) (Figura 6). Na Grécia, quase um terço (29 %) dos inquiridos que não são proprietários da sua habitação receiam ter de abandonar a sua casa. O nível de insegurança habitacional é também muito elevado em vários outros Estados-Membros do sul e do leste da Europa, incluindo a Eslováquia (22 %), a Letónia (21 %), a Bulgária (21 %), a Espanha (19 %) e Portugal (19 %).

Em contrapartida, o nível é muito mais baixo nos Estados-Membros ocidentais e setentrionais, em particular na Áustria (menos de 2 %), na Alemanha (5 %), no Luxemburgo (6 %), na Chéquia (9 %) e na Dinamarca (9 %), o que reflete uma maior estabilidade de rendimentos e mercados de arrendamento mais regulamentados.

Privação

Foi perguntado aos inquiridos se tinham ou não capacidade financeira para adquirir determinados bens básicos. A figura 7 ilustra a percentagem total de inquiridos em famílias de baixa e alta renda incapazes de comprar cada item em 2025.

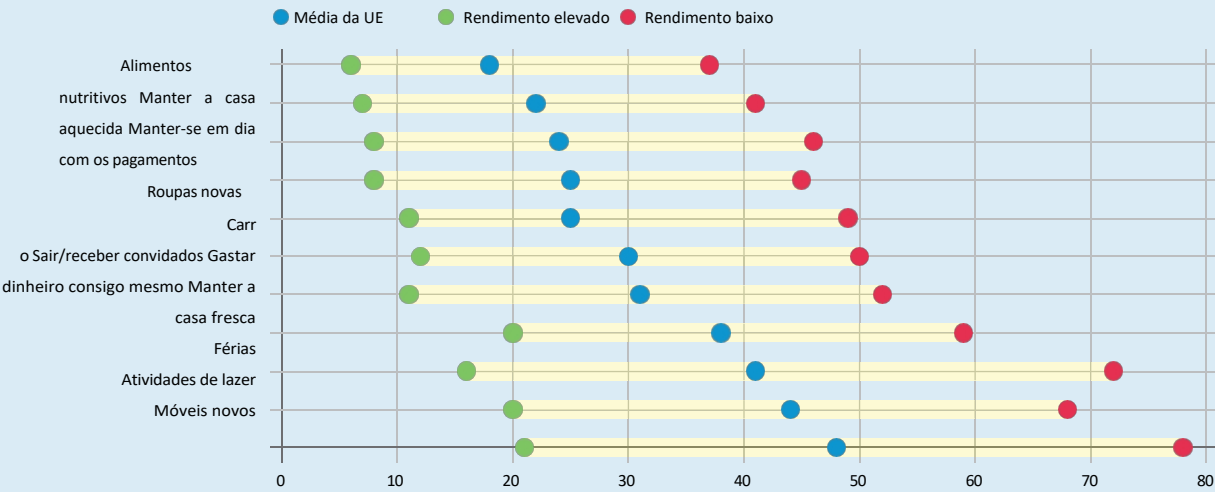
A desigualdade relacionada com o rendimento continua a ser substancial em todas as áreas de privação material. As maiores disparidades entre os inquiridos com rendimentos elevados e baixos dizem respeito à (in)acessibilidade de mobiliário, férias e atividades de lazer, indicando que as famílias com rendimentos mais baixos são muito mais propensas a

Figura 6: Insegurança habitacional entre os não proprietários, Estados-Membros da UE e UE, 2025 (%)



Fonte: Série de inquéritos eletrónicos «Viver e Trabalhar na UE».

Figura 7: Inacessibilidade de bens essenciais para inquiridos com rendimentos elevados e baixos, UE, 2025 (%)



Fonte: Série de inquéritos eletrónicos «Viver e Trabalhar na UE».

não têm acesso a aspetos não essenciais, mas importantes, da vida quotidiana e da participação social. Mesmo no que diz respeito às necessidades básicas, particularmente uma refeição nutritiva pelo menos a cada dois dias, as disparidades são grandes, destacando as persistentes desigualdades nos padrões de vida.

Embora a privação afete muitos agregados familiares, as famílias de baixos rendimentos enfrentam dificuldades muito mais amplas e profundas, especialmente no que diz respeito à manutenção de um nível de vida confortável. Desde 2023, quando a privação foi medida pela primeira vez no inquérito eletrónico, os níveis médios de privação permaneceram relativamente estáveis, mas as disparidades de rendimento aumentaram ligeiramente na maioria dos itens, especialmente no que diz respeito a evitar atrasos nos pagamentos (+9 pontos percentuais), gastar dinheiro consigo próprio (+8 pontos percentuais) e atividades de lazer (+7 pontos percentuais), sugerindo que as pressões do custo de vida aprofundaram a desigualdade, em vez de alterarem as taxas globais de privação.

Qualidade de vida e bem-estar

Para monitorizar como os inquiridos percebem as suas perspetivas pessoais para o futuro, foram medidos os seus níveis de otimismo. Níveis elevados de otimismo estão associados a maior resiliência e maior confiança. No entanto, o inquérito revelou que o otimismo diminuiu em todas as faixas etárias (Figura 8). A queda acentuada em 2022 (medida por volta do início da guerra da Rússia na Ucrânia) se destaca, mas o otimismo medido pela pesquisa não se recuperou desde então, mesmo entre os inquiridos mais jovens e otimistas. Esse declínio persistente no otimismo pode ser um sinal de alerta de crescente insegurança ou insatisfação e provavelmente

Figura 8: Respondentes que concordam ou concordam totalmente que estão otimistas em relação ao seu próprio futuro, por rondas de inquérito eletrónico e faixa etária, UE, 2020-2025 (%)

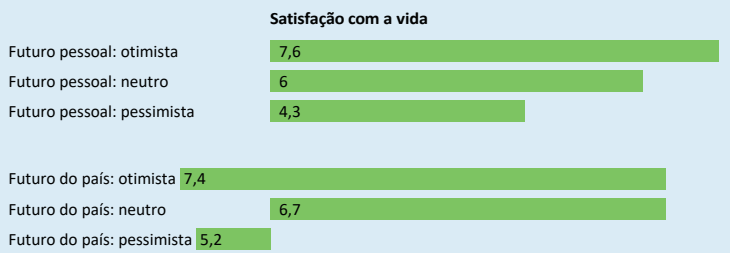


Fonte: Série de inquéritos eletrónicos «Viver e Trabalhar na UE».

reflete o difícil contexto económico — descrito na secção anterior — criado pelas pressões sustentadas sobre o custo de vida, pela crescente insegurança habitacional e pela melhoria limitada dos padrões de vida.

Os inquiridos que se mostram otimistas em relação ao seu próprio futuro também relatam a maior satisfação média com a vida, medida numa escala de 10 pontos. A taxa de satisfação com a vida entre os mais otimistas pessoalmente é de 7,6, em comparação com apenas 4,3 entre os pessimistas (Figura 9). No que diz respeito ao otimismo em relação ao futuro do país, o padrão é semelhante, embora as pontuações reais indiquem que o otimismo pessoal tem uma influência mais forte na satisfação com a vida.

Figura 9: Satisfação média com a vida, por otimismo em relação ao futuro pessoal e ao futuro do país, UE (escala de 1 a 10)



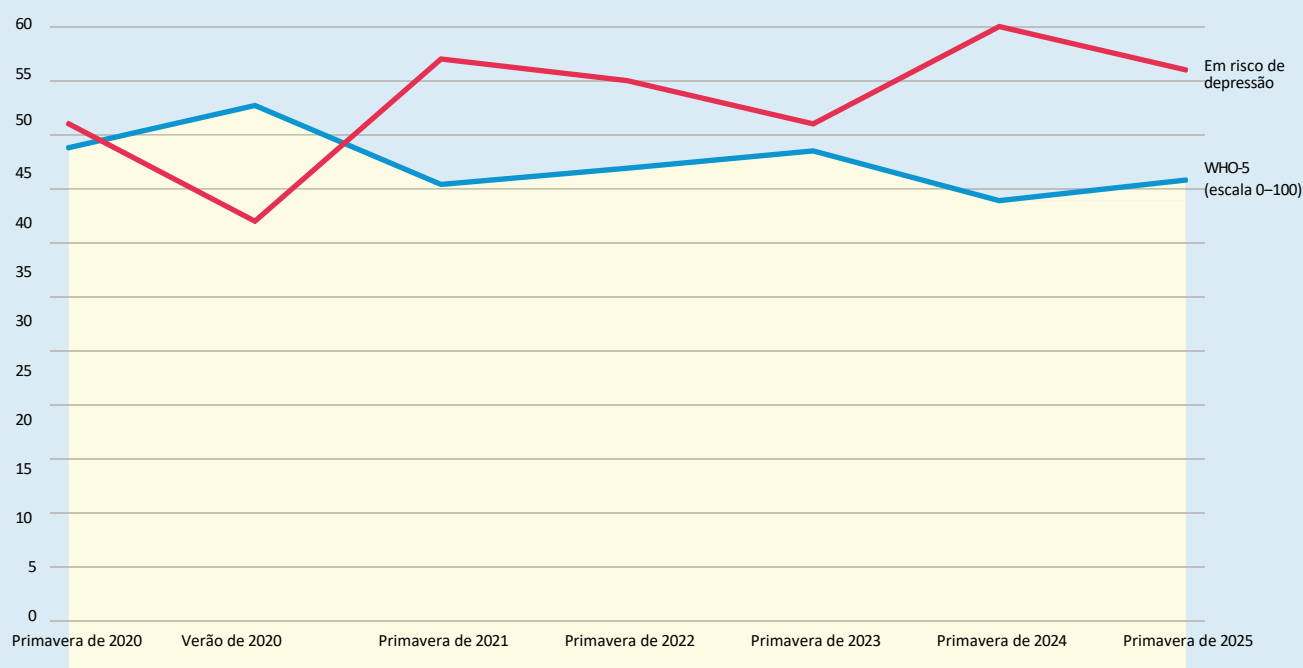
Fonte: Série de inquéritos eletrónicos «Viver e trabalhar na UE».

O risco de depressão continua a aumentar

Os resultados da pesquisa eletrónica em geral sugerem desafios duradouros de saúde mental entre os inquiridos, com o bem-estar não conseguindo retornar aos níveis observados durante a fase inicial da pandemia e uma parcela consistentemente grande permanecendo em risco de depressão.

O bem-estar mental, medido pelo inquérito eletrónico, tem flutuado nos últimos cinco anos, com pontuações médias no WHO-5 que variam entre cerca de 44 e 53 pontos (Figura 10).¹ Uma pontuação igual ou inferior a 50 pode indicar um risco de depressão.

Figura 10: Bem-estar mental médio e proporção de inquiridos em risco de depressão, por rondas de inquérito eletrónico, UE (%)



A pontuação média da WHO-5 medida entre os inquiridos foi mais elevada no verão de 2020, após o levantamento das restrições iniciais do confinamento devido à COVID-19, mas desde então tem apresentado um declínio gradual, atingindo um dos seus níveis mais baixos na primavera de 2024, antes de recuperar parcialmente na primavera de 2025.

Entretanto, a proporção de inquiridos em risco de depressão permaneceu persistentemente elevada (entre 42 % e 60 %). Na primavera de 2025, cerca de 57 % dos inquiridos obtiveram uma pontuação inferior ao limiar da WHO-5, sugerindo que mais de metade da população pode estar a sofrer de baixo bem-estar psicológico.

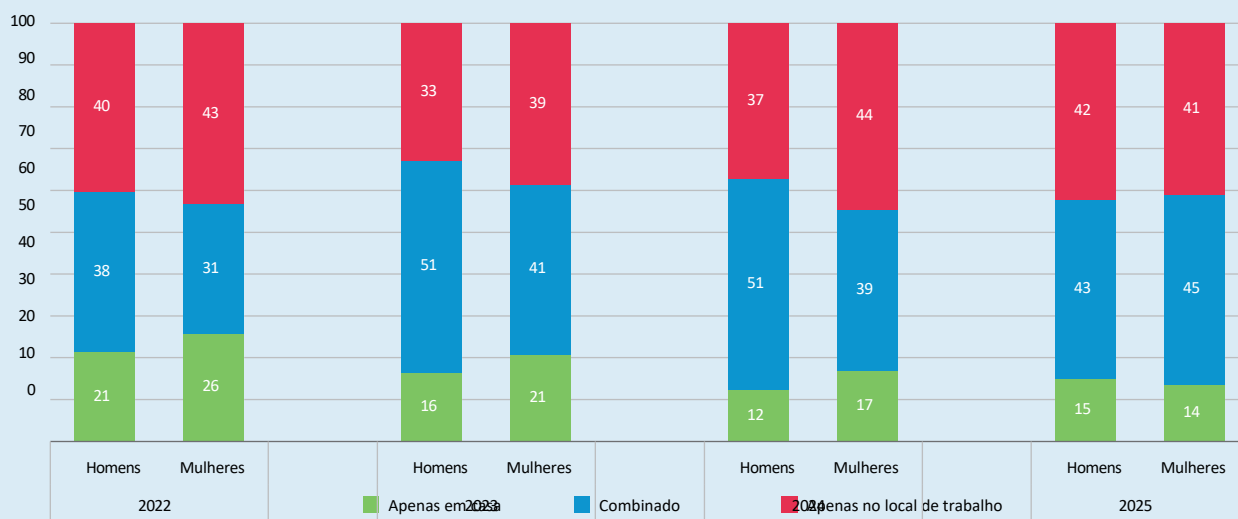
Trabalho, teletrabalho e equilíbrio entre vida profissional e pessoal

A Figura 11 mostra as mudanças nos padrões de localização do trabalho entre os inquiridos do sexo masculino e feminino que afirmam que o seu trabalho é passível de teletrabalho. O inquérito incluiu pela primeira vez uma pergunta sobre a possibilidade de teletrabalho em 2022, desde então tem havido um declínio constante na percentagem de inquiridos que trabalham exclusivamente a partir de casa: de 21% para 15% entre os homens e de 26% para 14% entre as mulheres. Durante o mesmo período, os regimes de trabalho combinados tornaram-se consideravelmente mais comuns, especialmente entre os homens.

Entretanto, a proporção de pessoas que trabalham exclusivamente no local de trabalho permanece relativamente estável, embora tenha registado uma ligeira diminuição. Em geral, a mudança para modelos de trabalho híbridos continuou desde o fim da pandemia, com as diferenças de género a diminuírem ao longo do tempo, destacando a necessidade contínua de uma melhor infraestrutura digital e acesso igualitário a oportunidades de trabalho remoto.

¹ O índice de bem-estar mental WHO-5 mede o humor das pessoas nas duas semanas anteriores com base em cinco afirmações de sentimentos positivos, numa escala de 0 a 100. As afirmações são: «Senti-me alegre e de bom humor», «Senti-me calmo e relaxado», «Senti-me ativo e vigoroso», «Acordei sentindo-me revigorado e descansado» e «A minha vida diária tem sido repleta de coisas que me interessam».

Figura 11: Local de trabalho dos inquiridos em profissões que permitem o teletrabalho, UE, 2022-2025 (%)

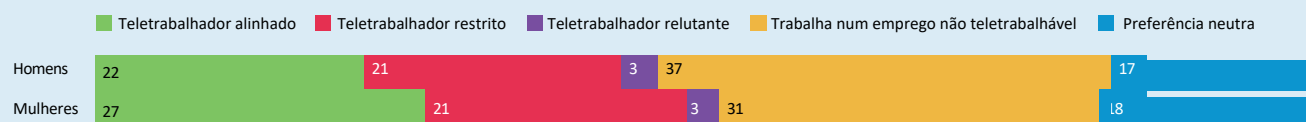


Estima-se que 38,5 % dos empregos na UE sejam potencialmente teletrabalháveis (Inquérito às Forças de Trabalho da UE, 2020). Os inquiridos no inquérito eletrónico «Viver e Trabalhar na UE» referem uma percentagem mais elevada de empregos teletrabalháveis (53 % em 2025). As conclusões apresentadas abaixo devem ser interpretadas neste contexto.

A maioria prefere trabalhar regularmente a partir de casa

Em consonância com a transição para o trabalho híbrido e o declínio, desde o fim da pandemia, do trabalho exclusivamente a partir de casa (que se estabilizou em cerca de 15 %), aumentou a preferência por trabalhar a partir de casa várias vezes por semana. Cerca de metade dos homens (50 %) e mais de metade das mulheres (54 %) prefeririam trabalhar regularmente a partir de casa, o que representa um aumento em relação a cerca de um quarto dos inquiridos em 2021.

Figura 12: Alinhamento com as preferências de teletrabalho, homens e mulheres, UE, 2025 (%)



Nota: Um teletrabalhador alinhado tem condições de trabalho que correspondem às suas preferências; um teletrabalhador limitado gostaria de trabalhar remotamente, mas não pode; um teletrabalhador relutante trabalha remotamente, mas preferia não o fazer.

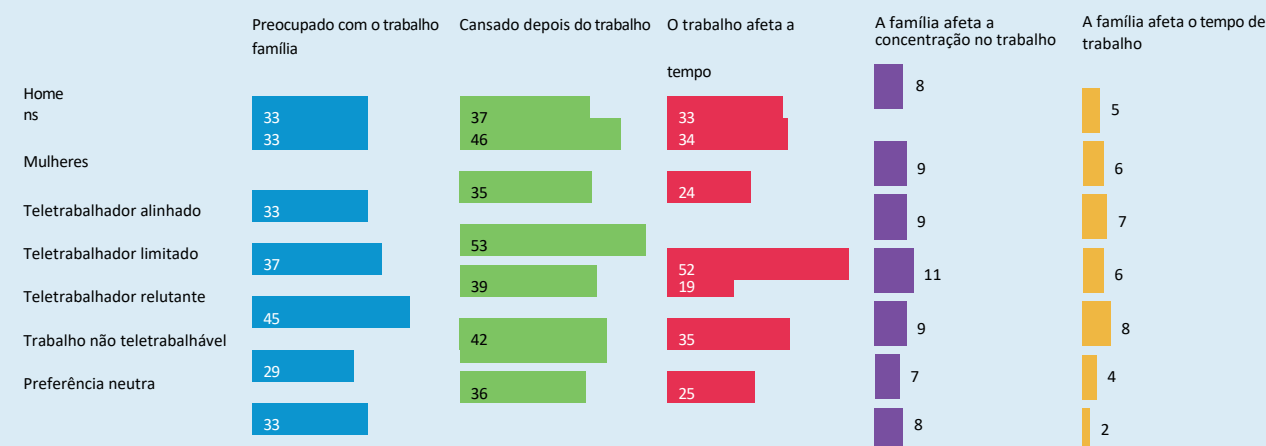
Fonte: Série de inquéritos eletrónicos «Viver e trabalhar na UE».

A Figura 12 ilustra em que medida as condições de trabalho atuais dos trabalhadores correspondem às suas preferências em matéria de teletrabalho. A maior parte dos inquiridos (especialmente os homens) vê as suas preferências limitadas por um emprego que não permite o teletrabalho. As condições de trabalho reais das mulheres (sejam elas em casa ou híbridas) correspondem às suas preferências com mais frequência do que as dos homens. Cerca de um quinto dos homens e das mulheres gostaria de teletrabalhar, mas atualmente trabalha no local de trabalho. Apenas uma pequena proporção de trabalhadores (3 %) teletrabalha, apesar de preferir não o fazer. Outros 17-18 % referem preferências neutras em relação ao teletrabalho.

Equilibrar a vida profissional e familiar continua a ser difícil para alguns

O facto de as preferências dos inquiridos corresponderem às suas condições de trabalho reais é importante para o equilíbrio entre a vida profissional e familiar, com os teletrabalhadores com restrições a reportarem os níveis mais elevados de fadiga e os seus homólogos sem restrições a reportarem os níveis mais baixos (Figura 13).

Figura 13: Problemas de equilíbrio entre a vida profissional e a vida pessoal, por género e alinhamento com o teletrabalho, UE, 2025 (%)



Fonte: Série de inquéritos eletrónicos «Viver e Trabalhar na UE».

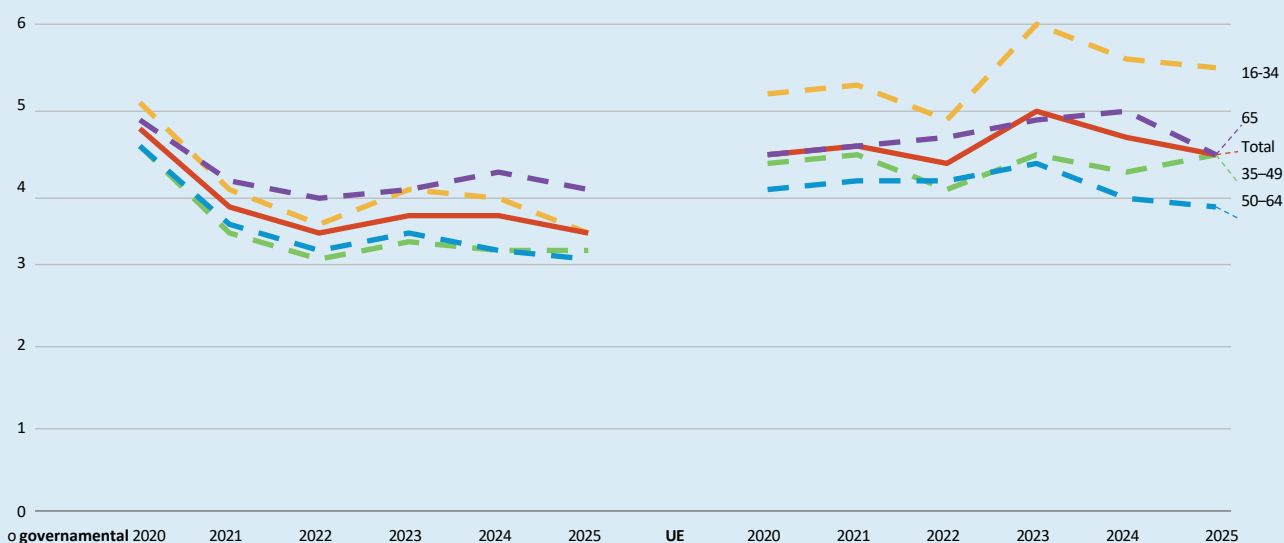
Cerca de um terço dos trabalhadores preocupa-se frequentemente com o trabalho, com pouca diferença entre os sexos. As mulheres são mais propensas do que os homens a sentir-se demasiado cansadas após o trabalho para realizar as tarefas domésticas (46% em comparação com 37%). Além de relatarem os níveis mais elevados de fadiga, os teletrabalhadores com restrições experimentam o maior conflito entre o trabalho e a vida familiar, incluindo dificuldade em concentrar-se no trabalho. Estes inquiridos são suscetíveis de ter mais responsabilidades familiares e stress, seja no trabalho ou em casa. Entretanto, os níveis mais baixos de conflito entre trabalho e família são relatados pelos inquiridos com uma preferência neutra, seguidos por aqueles cujos acordos de trabalho correspondem às suas preferências e aqueles em empregos não teletrabalháveis. Curiosamente, os teletrabalhadores relutantes relatam altos níveis de preocupação com o trabalho, mas menos conflitos familiares, possivelmente refletindo menos responsabilidades familiares ou maior insegurança no emprego.

Confiança e satisfação com a democracia

Maior pressão económica coincide com menor confiança nas instituições

A confiança nas instituições tem flutuado entre os inquiridos desde 2020. Comparando a confiança nos governos nacionais e na UE (Figura 14), esta última obtém pontuações mais elevadas (numa escala de 1 a 10) entre todos os grupos etários, mas especialmente entre os adultos mais jovens, em todas as rondas do inquérito eletrónico. Os inquiridos mais jovens relatam consistentemente níveis mais elevados de confiança em ambas as instituições, enquanto os de meia-idade (50-64 anos) relatam os níveis mais baixos de confiança ao longo do período. Conforme discutido anteriormente, os inquiridos nas faixas etárias de 35 a 49 e 50 a 64 anos enfrentaram os níveis mais elevados de pressão económica e os maiores aumentos nas dificuldades financeiras desde 2020. Portanto, é notável que eles também relatem a menor confiança tanto no governo quanto na UE, com os níveis de confiança nessas faixas etárias estagnando ou diminuindo durante grande parte dos últimos cinco anos.

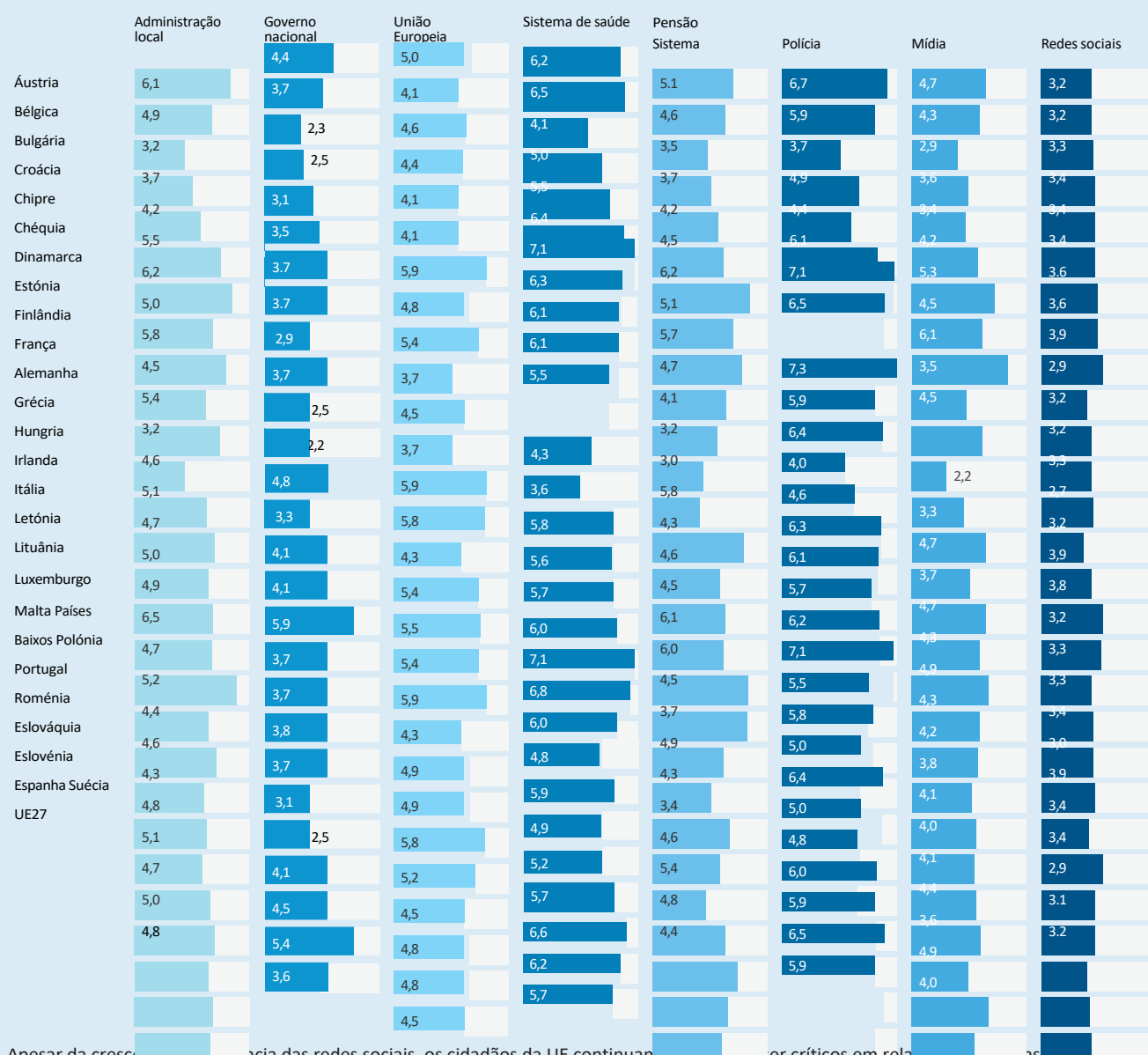
Figura 14: Confiança média no governo nacional e na UE, por faixa etária, 2020-2025 (escala de 1 a 10)



Nota: Foi pedido aos inquiridos que classificassem a sua confiança numa escala de 1 a 10, em que 1 significa «não confio de todo» e 10 significa «confio plenamente».

Fonte: Série de inquéritos eletrónicos «Viver e Trabalhar na UE».

Figura 15: Confiança nas instituições, nos sistemas e nos meios de comunicação social, Estados-Membros da UE e UE, 2025 (escala de 1 a 10)



Apesar da crescente confiança das redes sociais, os cidadãos da UE continuam a ser críticos em relação às instituições, como as menos fiáveis entre todas as instituições, sistemas e meios de comunicação social (Figura 15). A polícia continua a ser, em média, a instituição mais fiável, com a Bulgária, a Grécia e Chipre a constituírem exceções notáveis. No entanto, estes três países apresentam, em geral, baixos níveis de confiança em todas as instituições. A confiança no sistema de saúde é média em toda a UE e mais elevada nos Estados-Membros ocidentais. Curiosamente, é inferior ao esperado em alguns Estados-Membros com sistemas de saúde tradicionalmente bons, como a França, a Alemanha e a Suécia. A confiança nos sistemas de pensões segue um padrão semelhante ao dos cuidados de saúde: relativamente elevada em muitos Estados-Membros ocidentais e setentrionais, mas visivelmente inferior em vários Estados-Membros meridionais e orientais. Isto sugere preocupações mais amplas sobre a segurança financeira a longo prazo em países que já enfrentam maiores dificuldades económicas.

Em geral, os cidadãos da UE tendem a confiar mais nas autoridades governamentais locais do que no governo nacional, com exceção da Suécia e da Dinamarca. A confiança na UE, por sua vez, continua relativamente elevada, com apenas pequenas variações entre os Estados-Membros. Por outro lado, os níveis de confiança nos meios de comunicação social são relativamente baixos em toda a UE, com apenas os inquiridos na Finlândia a atribuírem uma classificação superior a 5,5. Geralmente, quando a confiança é baixa num país, é baixa para todas as instituições, em vez de ser um caso de uma instituição ter uma confiança significativamente mais baixa do que outras. Isto indica um sentimento mais geral de desconfiança nestes países. O mesmo se aplica aos países com níveis elevados de confiança, onde a maioria das instituições, sistemas e meios de comunicação social (exceto as redes sociais) são classificados de forma semelhante.

Maior satisfação com a democracia entre as mulheres

Recentemente, grande parte do discurso público tem-se centrado na divergência entre as opiniões políticas das mulheres jovens e dos homens jovens e a sua satisfação com a democracia, com as mulheres jovens a apresentarem opiniões mais progressistas e os homens jovens a serem mais atraídos por ideias conservadoras. Embora o inquérito eletrónico de 2025 revela uma divisão de género na satisfação democrática entre os jovens inquiridos, a direção varia em toda a UE (Figura 17). As jovens mulheres relatam uma satisfação significativamente maior com a democracia do que os jovens homens em nove Estados-Membros, principalmente no norte e em partes da Europa Central e Ocidental. Os jovens homens relatam maior satisfação em 14 Estados-Membros, principalmente no sudeste da Europa, mas também na Bélgica e na Irlanda. A diferença média entre os sexos na UE em termos de satisfação com a democracia, tal como revelado pelos resultados deste inquérito eletrónico, continua a ser muito pequena, embora ainda estatisticamente significativa (0,1 numa escala de 10 pontos).

Figura 16: Satisfação média com a democracia, por idade e género, UE (escala de 1 a 10)

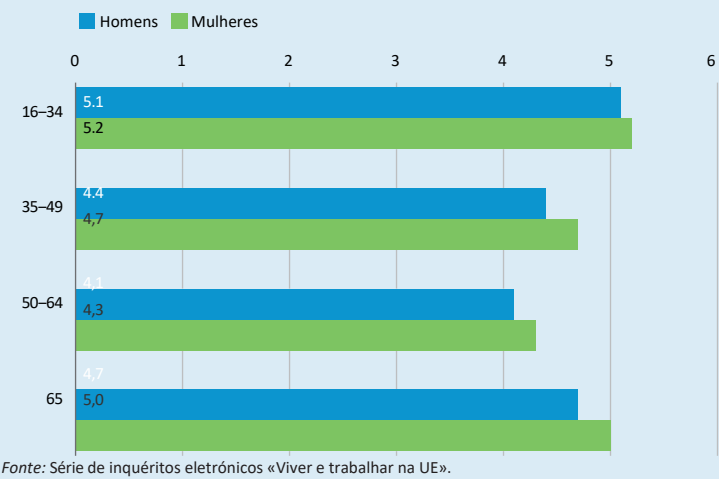
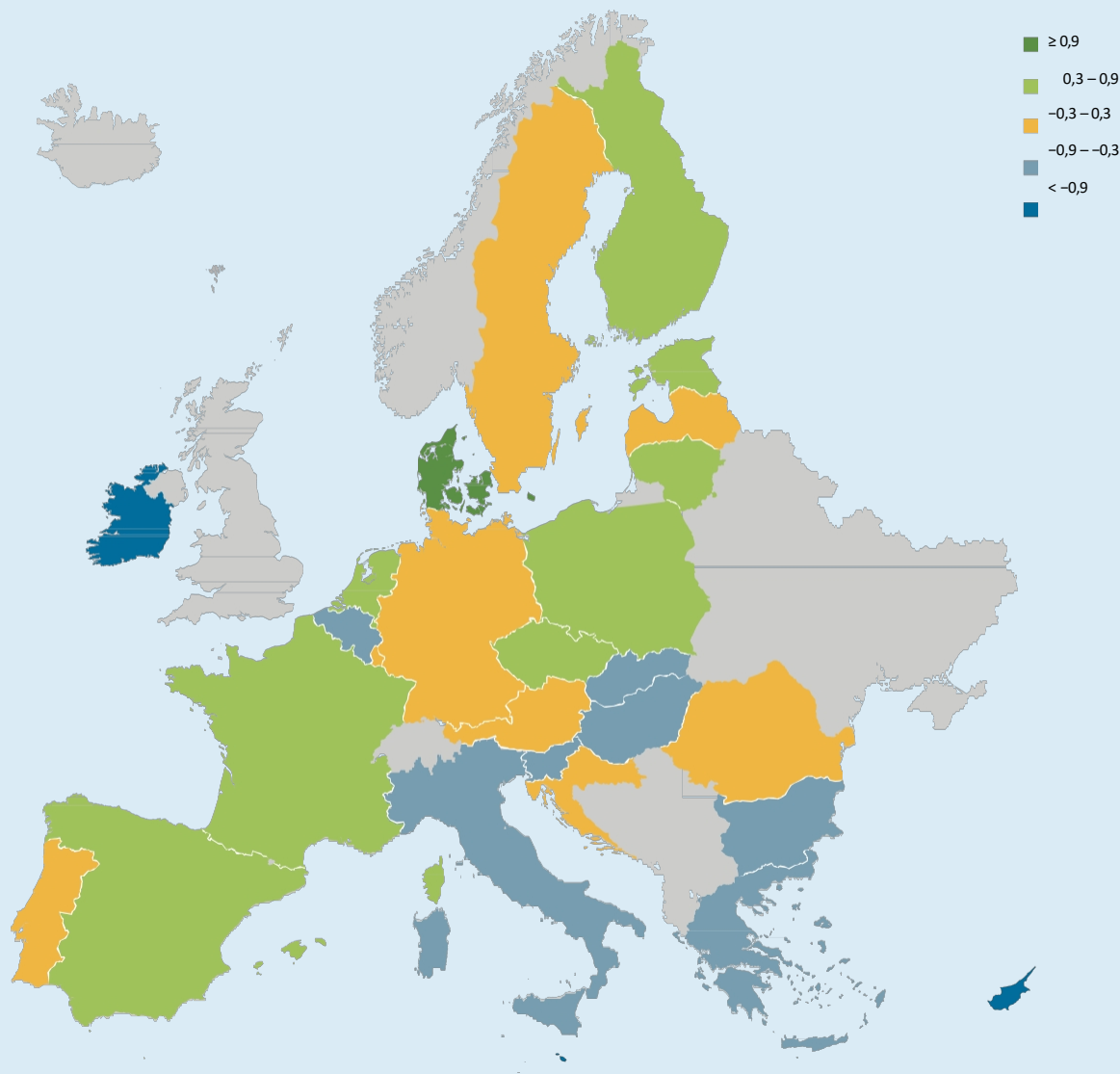


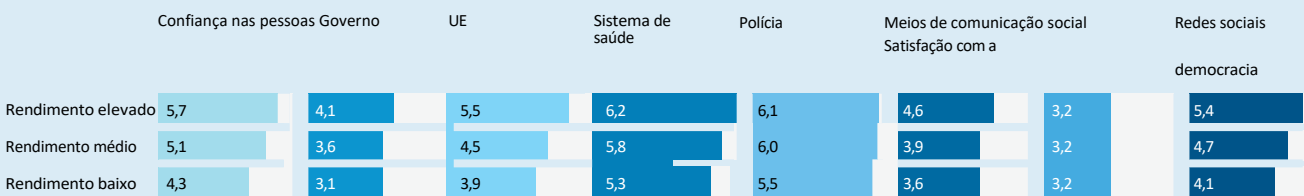
Figura 17: Satisfação média com a democracia, diferença entre mulheres e homens com idades compreendidas entre os 16 e os 34 anos, UE, 2025 (escala de 1 a 10)



Em todos os grupos de rendimento, as diferenças nos níveis de confiança e satisfação com a democracia são consideráveis e consistentes, refletindo a crescente tensão económica discutida anteriormente (Figura 18). Os inquiridos com rendimentos elevados apresentam os níveis mais elevados de confiança em quase todos os domínios. Em contrapartida, os níveis de confiança entre os inquiridos com rendimentos baixos são mais baixos. As diferenças vão além das instituições: a confiança nos meios de comunicação social é substancialmente mais baixa entre os inquiridos com rendimentos baixos, tal como a satisfação com a democracia. No entanto, a maior diferença por nível de rendimento diz respeito à confiança na UE.

Estes resultados sugerem que as pressões financeiras anteriormente destacadas (maior dificuldade em fazer face às despesas, maiores atrasos nos pagamentos e baixas reservas de poupança) estão intimamente associadas a níveis mais baixos de confiança e a uma menor satisfação com o funcionamento democrático entre aqueles que enfrentam maiores dificuldades económicas.

Figura 18: Confiança social e institucional, por nível de rendimento, UE, 2025 (escala 1-10)



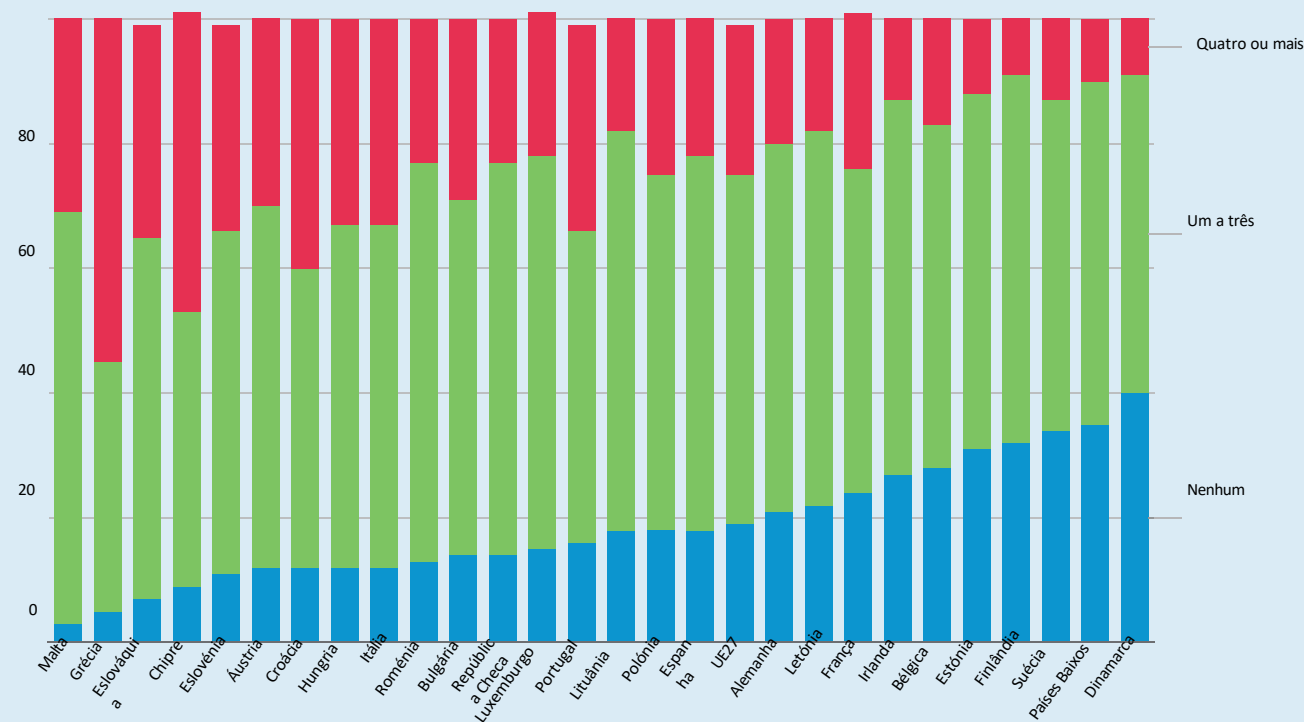
Impactos e preocupações ambientais

Em 2025, pela primeira vez, o inquérito eletrónico «Viver e Trabalhar na UE» inclui um conjunto de perguntas sobre questões ambientais. Desenvolvidas em conjunto com a Agência Europeia do Ambiente, as perguntas questionavam os inquiridos sobre as suas experiências e perceções das alterações climáticas, se tinham ajustado os seus comportamentos e, em caso afirmativo, de que forma. A secção seguinte contém uma visão geral de algumas das conclusões a este respeito. Análises mais detalhadas das respostas serão fornecidas em publicações futuras.

Grande maioria afetada pelas alterações climáticas

Em todos os Estados-Membros, mais de 80 % dos inquiridos sofreram pelo menos um destes fenómenos relacionados com o clima nos últimos cinco anos: sensação de calor excessivo em casa; calor excessivo no local de trabalho ou na escola; calor excessivo na vizinhança; inundações, danos causados pelo vento, incêndios florestais ou fumo; aumento das picadas de insetos; ou problemas em obter água potável e segura em quantidade suficiente (Figura 19). Nos Estados-Membros do sul e do centro da Europa, quase todos os inquiridos sofreram pelo menos um destes eventos, sendo que os inquiridos na Grécia, Chipre e Croácia foram os que mais frequentemente referiram ter sofrido quatro ou mais eventos. Embora menos inquiridos nos Estados-Membros do norte tenham sido afetados por eventos adversos relacionados com o clima, 60 % sofreram pelo menos um deles.

Figura 19: Número de eventos adversos relacionados com o clima vividos pelos inquiridos, por Estado-Membro da UE e pela UE, 2025 (%)



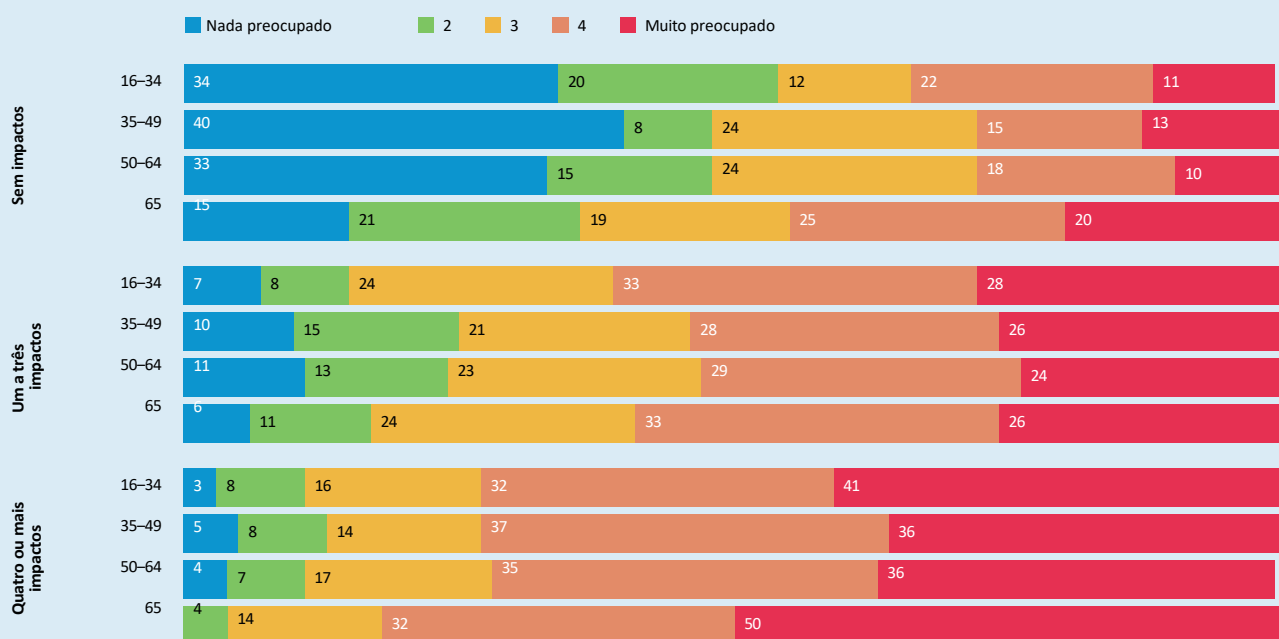
A idade e a experiência pessoal moldam a preocupação com o ambiente

As experiências dos inquiridos com os impactos adversos das alterações climáticas parecem ser altamente relevantes para o seu nível de preocupação com as questões ambientais. Além disso, os resultados do inquérito revelam alguns padrões interessantes relacionados com a idade (Figura 20). Entre aqueles que não sofreram impactos climáticos, a preocupação é relativamente baixa a moderada, com os inquiridos de meia-idade neste grupo a revelarem-se os menos preocupados (40% dos que têm entre 35 e 49 anos afirmam não estar «de todo preocupados» com as questões ambientais). Os inquiridos mais velhos (com mais de 65 anos) que não sofreram impactos têm uma preocupação de base mais elevada: um em cada cinco está «muito preocupado» e apenas 15% não estão «preocupados».

No entanto, as atitudes mudam substancialmente em todas as faixas etárias quando se trata daqueles que sofreram de um a três impactos climáticos. A proporção desses inquiridos que estão «muito preocupados» é aproximadamente o dobro daqueles que não sofreram nenhum impacto (11% contra 28% entre os 16 e os 34 anos, por exemplo). Neste caso, os inquiridos mais jovens e mais velhos parecem ser os mais preocupados (28% e 26%, respetivamente).

Para os inquiridos que enfrentaram quatro ou mais impactos climáticos, o nível de preocupação é, sem surpresa, elevado em todas as faixas etárias. Mais de 40% dos jovens entre 16 e 34 anos e metade dos maiores de 65 anos afirmam estar «muito preocupados». Apenas uma pequena minoria afirma não estar «de todo preocupada».

Figura 20: Preocupação com questões ambientais, por idade e número de impactos climáticos sofridos, UE, 2025 (%)



Fonte: Série de inquéritos eletrónicos «Viver e Trabalhar na UE».

Conclusão e orientações políticas

O inquérito eletrónico «Viver e Trabalhar na UE em 2025» da Eurofound revela que os inquiridos em muitos Estados-Membros, especialmente aqueles em famílias de rendimentos baixos e médios, continuam a sofrer uma pressão económica considerável, enfrentando elevados atrasos nos pagamentos e uma crescente insegurança habitacional, com poucas poupanças para servir de amortecedor, particularmente se vivem em casas arrendadas e/ou têm rendimentos baixos. Isto reflete a crise do custo de vida que se vive desde 2022, mas também sugere um baixo nível de resiliência financeira por parte dos inquiridos face a crises futuras e, por conseguinte, a **necessidade contínua de programas de prevenção ou de apoios de emergência ao rendimento destinados a famílias com baixos rendimentos, pais solteiros e inquilinos**, que enfrentam os níveis mais elevados de insegurança habitacional.

O bem-estar mental não voltou aos níveis pré-pandêmicos e o pessimismo em relação ao futuro é generalizado entre os inquiridos. Embora isso não reflita necessariamente um aumento nos diagnósticos de saúde mental, serve potencialmente como um alerta e destaca **a importância de continuar a monitorizar o bem-estar e incorporá-lo nas políticas de emprego, juventude e inclusão social**.

As conclusões relacionadas com a vida profissional indicam um desejo forte e crescente de trabalho híbrido, bem como um desfasamento significativo entre os acordos preferidos e os acordos reais entre vida profissional e pessoal. Isto sugere **uma necessidade clara de os empregadores oferecerem acordos flexíveis e híbridos, sempre que possível, e reforçarem as medidas de qualidade do emprego para reduzir a intensidade do trabalho, a fadiga e o efeito de transbordamento**.³

O inquérito revela que aqueles que estão sob maior pressão económica — a faixa etária dos 35 aos 64 anos — também são os que menos confiam nas instituições e apresentam um baixo nível de satisfação com a democracia. As diferenças em termos de rendimento também são pronunciadas, com os inquiridos que enfrentam maiores dificuldades financeiras a reportarem consistentemente uma menor confiança. Isto tem implicações importantes para a coesão social, uma vez que a combinação de vulnerabilidade económica, baixa confiança e redução da satisfação democrática corre o risco de aumentar o desinteresse e a polarização. Por conseguinte, salienta a **importância de políticas que reduzam a insegurança económica e reforcem a resiliência financeira para reconstruir a confiança e apoiar o envolvimento democrático entre os grupos mais vulneráveis**.

Nota técnica

Em 2020, a Eurofound realizou o primeiro inquérito eletrónico em grande escala sobre a vida e o trabalho na UE para avaliar o impacto da pandemia da COVID-19 nas condições de vida e de trabalho das pessoas em toda a União Europeia. Desde 2022, o âmbito temático do inquérito eletrónico foi alargado para medir as consequências a longo prazo da pandemia, da guerra da Rússia na Ucrânia e do aumento do custo de vida. Uma nova área de foco na oitava ronda do inquérito, em 2025, é o clima e o ambiente, com perguntas sobre as experiências das pessoas em relação aos impactos climáticos e a sua preocupação com os riscos futuros.

O inquérito eletrónico utiliza uma abordagem de amostragem não probabilística, através da qual os inquiridos são recrutados principalmente em linha, por meio de anúncios direcionados nas redes sociais, complementados por amostragem em bola de neve, em que os inquiridos iniciais divulgam o inquérito a outras pessoas das suas redes. A amostra resultante não é, portanto, representativa da população em geral. Além disso, os inquiridos de rondas de inquéritos anteriores são convidados a participar em rondas subsequentes, formando um painel regularmente atualizado, mas também não representativo.

Para melhorar a representatividade, foi aplicada uma ponderação pós-estratificação para alinhar a amostra com a composição demográfica da população da UE-27 e de cada Estado-Membro individualmente. Os fatores de ponderação na 8.ª ronda basearam-se no género, idade, nível de escolaridade e região.

Entre 1 de abril e 4 de junho de 2025, o inquérito eletrónico recolheu respostas de aproximadamente 27 000 participantes nos 27 Estados-Membros da UE. Destes, 16 500 eram inquiridos recorrentes do painel e 10 500 foram recrutados recentemente através das redes sociais (incluindo anúncios no Instagram e no Facebook, bem como publicações orgânicas). Na maioria dos Estados-Membros, foi atingida a meta mínima de 500 inquiridos por país, com exceção de Chipre, Luxemburgo e Malta. Em 14 Estados-Membros, a amostra ultrapassou os 1 000 inquiridos.

² Para uma análise da situação habitacional da população da UE, com especial enfoque nos jovens, consulte <https://www.eurofound.europa.eu/en/publications/all/foundational-challenges-the-housing-struggles-of-europes-youth>.

³ Para obter os dados mais recentes sobre a qualidade do emprego na UE, consulte <https://www.eurofound.europa.eu/en/surveys-and-data/surveys/european-working-conditions-survey/ewcs-2024>.

Mais informações**Ao citar este relatório, utilize a seguinte formulação:**

Eurofound (2026), *Panorama desigual de uma Europa em mudança: conclusões do inquérito eletrónico «Viver e trabalhar na UE 2025»*, Serviço das Publicações da União Europeia, Luxemburgo.

Autoras: Eszter Sandor e Hannah Kollen

Gestora de investigação: Eszter Sandor

Projeto de investigação: Edição anual do inquérito eletrónico

information@eurofound.europa.eu www.eurofound.europa.eu

© Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho, 2026

EF/25/077/EN



Publications Office
of the European Union

ISBN 978-92-897-2543-9
doi:10.2806/1494388